

O E S S E N C I A L S O B R E

A Seara Nova

Luís Andrade



N IMPRENSA
NACIONAL

O E S S E N C I A L S O B R E

A Seara Nova

Luís Andrade

Índice

- 11 *A Seara Nova*
- 27 **O espírito seareiro**
- 59 **Os seareiros**
- 75 **A política seareira**
- 93 **Seareiros e marxistas**
- 115 **O legado seareiro em cinco tópicos**
- 119 **Bibliografia essencial**





A Seara Nova

A *Seara Nova* ocupa um lugar axial na história cultural e política portuguesa do século XX: entre 1921 e 1927, distinguiu-se no combate pela regeneração da I República; ao longo do Estado Novo, sobressaiu como órgão que deu voz aos homens de cultura que se bateram pela liberdade e pela modernidade; na sequência do 25 de Abril de 1974, expressou as vicissitudes que atravessaram a restauração da democracia.

O papel central que a revista desempenhou na vida cultural e política ficou a dever-se, antes de mais, ao mérito dos intelectuais que subscreveram o prospeto que anunciou, em maio de 1921, a fundação da Empresa de Publicidade Seara Nova, sediada na Rua António Maria Cardoso, n.º 26, em prédio que já conhecera a administração da revista *Atlântida*, de João de Barros e de João do Rio, ladoado pelo Teatro República e a escassos metros do Largo do Chiado, o fulcro da vida espiritual e mundana da época.

Os retratos em que o grupo fundador se apresentou registaram o momento. Na composição mais co-

nhecida, temos Raul Brandão (n.1867), Aquilino Ribeiro (n.1885), Jaime Cortesão (n.1884), sentados, e Luís da Câmara Reis (n.1885) e Raul Proença (n.1884), em segundo plano.

Entre os membros do corpo diretivo indicado no folheto, mas ausentes na fotografia, encontravam-se Augusto Casimiro (n.1889), António Faria de Vasconcelos (n.1880), Ferreira de Macedo (n.1887), Francisco António Correia (n.1877), Francisco Peres Trancoso (n.1877) e José de Azevedo Perdigão (n.1896). Ezequiel de Campos (n.1874), Quirino de Jesus (n.1865), Sarmento Pimentel (n.1888), Sarmento de Beires (n.1893), Rodrigues Miguéis (n.1901), David Ferreira (n.1897), Manuel Mendes (n.1906), Mário de Azevedo Gomes (n.1885), Emílio Costa (n.1887) e Hernâni Cidade (n.1887) juntaram-se, desde o início, ao empreendimento de que se mostraram colaboradores assíduos. António Sérgio (n.1883), que regressará a Portugal a instâncias de Raul Proença, completará, a partir de 1923, este conjunto de notáveis em domínios tão distintos quanto as letras, o ensaio, a pedagogia, a historiografia, a economia e, mesmo, as novas artes de guerra.

O grupo inicial estava destinado a dirigir a revista durante quatro decénios, primeiro por Raul Proença (1921-1927), depois por António Sérgio (1927-1939), de seguida por Câmara Reis (1940-1961) e finalmente por Augusto Casimiro (1961-1967).

Ao apresentarem *Revista quinzenal de doutrina e crítica* como subtítulo, os fundadores da *Seara Nova* vincaram a sua natureza racionalista, em contraste com as publicações periódicas, bem mais

correntes, de natureza literária, artística ou de simples atualidade.

A congregação de um conjunto de homens de cultura tão significativo e vasto constituiu-se como a sùmula comum dos ditames cívicos que sentiriam impor-se-lhes face ao devir da vida política nacional. No plano imediato, surgia a responsabilidade de salvar a República através de desígnios e reformas que permitissem superar os desmandos das fações partidárias, financeiras e castrenses que se tinham assenhorado da vida pública. Num âmbito programático mais amplo, pretendia-se trazer o discernimento racional ao bom governo do país, de acordo com uma perspectiva que viesse assegurar a convergência entre o fundamento democrático dos órgãos do Estado, assente no sufrágio e na representação, e a pertinência racional e eficiente de políticas públicas firmadas no conhecimento e na competência técnica.

Quem conhece aturadamente, como consequência da sua formação académica e mérito profissional, não poderia deixar de atender ao dever de denunciar as urdiduras contrárias ao interesse geral, nem se eximir à intervenção concertada em nome dos princípios primordiais da verdade, da justiça e da coisa comum.

Simultaneamente, é necessário observar, como é sugerido no subtítulo, que doutrina e crítica caminhavam a par, pois é suposto que o escrutínio de opiniões ou de factos se faça em nome de representações estruturadas, mesmo que distintas entre si, e não do somatório de opiniões fortuitas.

No papel decisivo conferido à doutrina e à doutrinação, pode observar-se a convicção moderna

que fez acompanhar a ideia de progresso pela promessa de emancipação coletiva através da autodeterminação racional e voluntária dos homens e dos povos. A doutrina assumiria, segundo este pressuposto, o estatuto de autoconsciência histórica e de guia da ação tanto na multiplicidade das suas expressões científicas, técnicas e morais, como também, e sobretudo, nos seus resultados, classificados frequentemente como aquisições culturais e civilizacionais cumulativas.

A disposição de espírito própria do deslumbramento intrínseco ao alento simultaneamente esclarecido e revolucionário que atravessou a contemporaneidade encontra-se igualmente inscrita no curto título da revista, que associa à «seara», com que a grei providencia a vida, o qualificativo «nova», que vinca, desde logo pelo jogo entre uma prática ancestral necessária à sobrevivência e um atributo que parece não se adequar à sua literalidade, o trânsito para uma outra sociedade.

Neste âmbito, os homens livres da *Seara Nova* não se afastavam do imaginário republicano que prognosticava um futuro em que a vida social e a propagação da cultura facultariam uma sociedade conforme à dignidade e aos fins substanciais que se imputavam à condição comum dos homens.

Embora fosse claro, em 1921, que se viviam tempos que pareciam comprometer ideários e crenças tão radicais quanto vitais, as agruras da época foram encaradas como provações acidentais e transitórias. No domínio interno, a decepção provocada pela degeneração ostensiva da República era vista como resultado do voluntarismo jacobino afonsista e de os jogos partidários e militares não terem

tido o contrapeso indispensável de uma elite competente e preponderante, coadjuvada por uma opinião pública esclarecida. No âmbito da devastação mundial recente, os horrores inauditos da Grande Guerra, travada entre os povos mais instruídos da história da humanidade, não atestariam o colapso da crença no aperfeiçoamento moral ínsito à propagação do saber, mas tão-somente o irreduzível atavismo bárbaro e militarista imputado aos povos germânicos.

Uma vez que o combate a travar se colocava, antes de mais, no plano doutrinário e crítico, o instrumento estratégico privilegiado foi o da criação de uma revista que reunisse uma frente ampla de intelectuais prestigiados em torno de um programa comum claramente definido. O êxito foi imediato e duradouro, pois a revista logo ganhou grande notoriedade e conseguiu marcar com a sua presença a discussão política e cultural, tanto nos anos restantes da República, quanto no quase meio século das autocracias salazarista e marcelista.

A este propósito, é necessário reconhecer que a *Seara Nova* exemplifica eloquentemente o papel central que as revistas desempenharam na formulação, afirmação e consolidação das correntes de opinião letradas que fizeram o debate político e cultural do século XX. Em primeiro lugar, o *quinzenário de doutrina e crítica* agregou, como ficou referido, um conjunto muito variado de homens de letras em torno de orientações e de causas comuns, o que o converteu em órgão de um movimento em que as colaborações subscritas a título individual passaram a revestir-se de uma conotação coletiva. Em segundo lugar, a identidade desta corrente pro-

gramática resulta de um trânsito de autorrevelação e de construção simultaneamente individual e conjunto intrínseco ao seu processo de constituição e afirmação — o chamado *espírito seareiro* —, embora alicerçado em pressupostos pessoais e editoriais iniciais claros. Em terceiro lugar, a revista apresentava-se como a modalidade de publicação impressa capaz de cerzir criticamente a doutrina e as suas circunstâncias, pois unia pensamento e intervenção tempestiva na atualidade, o que explica que o compasso temporal das edições pudesse variar de acordo com o ritmo dos acontecimentos, como aconteceu, por exemplo, entre 3 de outubro de 1925 e 23 de julho de 1926, em que *Seara Nova* apresentou uma periodicidade semanal. Em quarto lugar, a periodicidade tende a constituir e a consolidar públicos específicos que encontram nos títulos da sua eleição a inspiração necessária para decifrar e acompanhar as novidades da época, ou seja, que constituem sectores específicos da opinião pública da ágora culta composta pelas revistas de ideias. Neste quadro, não admira, pois, que muitos dos autores que fizeram a *Seara Nova* tenham subscrito centenas de textos e que uma parte muito significativa do que publicaram em edições autónomas resulte da recolha e do desenvolvimento de artigos. A dramaticidade dos dias não se comprazia com os vagares próprios da escrita e da meditação de obras magnas, antes reclamava a intervenção imediata e a tomada de posição que só as publicações regulares podiam proporcionar.

Alguns destes traços ganharam expressão mais acentuada quando os contextos repressivos instituíram a censura prévia, com o inerente acréscimo,

por vezes asfixiante, de custos, e, simultaneamente, cerceavam, por imposição política, a publicação de novos títulos, além de condicionarem a vida daqueles que se encontravam em circulação através de entraves administrativos, como se verificou ao longo da ditadura do Estado Novo.

Neste contexto particularmente adverso à livre expressão do pensamento, a perseverança da *Seara Nova* conferiu-lhe um alcance renovado, nomeadamente porque soube acolher todos aqueles que se recusavam a abdicar da plena liberdade de espírito nas mais variadas dimensões da vida reflexiva e cívica, independentemente da configuração precisa das suas convicções democráticas e das áreas culturais em que se moviam. Por várias ocasiões, nomeadamente ao longo da Segunda Guerra Mundial e após a extinção de *O Diabo*, *Pensamento*, *Sol Nascente* e *Presença*, durante o ano de 1940, a *Seara Nova* foi a única revista da resistência cultural e política com alcance nacional que os homens de letras insubmissos tinham ao seu dispor. Mesmo quando esta situação se alterou com a compra da *Vértice* por decisão dos jovens comunistas de Coimbra que procuravam voltar a possuir um periódico próprio, em 1945, ou, mais tarde, em 1963, com o surgimento de *O Tempo e o Modo*, em que convergiram católicos progressistas, socialistas e autores críticos quer do regime, quer do ambiente neorrealista, o ascendente simbólico adquirido pela revista dirigida, sucessivamente, por Raul Proença, António Sérgio e Luís da Câmara Reis relevou sempre sobre os restantes periódicos de ideias e cultura de oposição ao regime vigente.

A *Seara Nova* elevou-se, pois, à condição de grande monumento democrático, como resulta óbvio tanto do cômputo dos seus dados editoriais, quanto da extensão e variedade das colaborações de articulistas reputados insertas nas suas páginas. Entre 1921 e 1984, ano em que encetou um ciclo distinto com nova numeração, a *Seara* publicou 1604 números, em 1448 edições, num total estimado de 31 485 páginas, nas quais deu à estampa 21 538 peças singulares, subscritas por 3124 autores nacionais e estrangeiros.

Embora quase todas as grandes figuras do pensamento e da cultura portuguesa coevas tenham escrito, num ou noutro momento, na revista, alguns dos autores mais reputados distinguiram-se por fazê-lo de um modo permanente, durante longos períodos da sua vida, pelo que não só o teor geral da publicação se mostra subsidiário das suas colaborações como, reciprocamente, as respetivas obras integram estes artigos como uma sua parte substantiva. António Sérgio, o ensaísta mais prestigiado da época, assinou 311 peças publicadas; Raul Proença, um dos mais afamados jornalistas e doutrinadores republicanos, 228; Luís da Câmara Reis, o grande esteio do quinzenário, 251; Irene Lisboa, educadora e feminista, 177; Jaime Cortesão, historiador emérito, 93; Manuel Rodrigues Lapa, filólogo e historiador da literatura, 66; Faria de Vasconcelos, pedagogo com reputação mundial, 23.

A *Seara Nova* ocupou, igualmente, um lugar central na vida literária e artística portuguesa. Contou com escritores tão relevantes como Raul Brandão (32 colaborações), Aquilino Ribeiro (33),

O livro **O ESSENCIAL SOBRE**
A SEARA NOVA

é uma edição da

IMPRESA NACIONAL

tem como autor

LUÍS ANDRADE

design e capa do ateliê

SILVADESIGNERS

revisão de

ANTÓNIO JOSÉ MASSANO

e paginação de

MAGDA COELHO.

Tem o ISBN PAPEL **978-972-27-2986-4**

e o depósito legal **489699/21**

A primeira edição

acabou de ser impressa no mês de **OUTUBRO**

do ano de **DOIS MIL E VINTE E UM.**

CÓD. 1025278

Imprensa Nacional

é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

prelo.incm.pt

editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

A Seara Nova

Luís Andrade

A Seara Nova foi a revista dos homens de letras que não abdicaram da liberdade de espírito ao longo da ditadura salazarista e marcelista.

António Sérgio, Raul Proença, Jaime Cortesão, José Rodrigues Miguéis, Adolfo Casais Monteiro e Fernando Lopes-Graça, entre muitos outros, publicaram centenas de artigos no *quinzenário de doutrina e crítica*.

A cultura portuguesa contemporânea e a resistência política à autocracia têm, pois, nas 1 600 edições da revista, com 31 500 páginas e 3 100 autores, uma fonte primordial para a compreensão do passado e do legado reflexivo recentes.

O Essencial sobre a Seara Nova procede à leitura geral do espírito e do trajeto seareiros.

ISBN: 978-972-27-2986-4



9 789722 729864